



<b>Bolsas</b> Na segunda-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Salário mínimo</b>	<b>Dólar</b> Últimas cotações (em R\$)	<b>Euro</b> Comercial, venda na segunda-feira	<b>Capital de giro</b> Na segunda-feira	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,29% São Paulo	119.081 118.737,78	R\$ 1.212	Na segunda-feira R\$ 4,773 (+1,53%)	R\$ 5,44	6,76%	11,65%	Outubro/2021 1,25 Novembro/2021 0,95 Dezembro/2021 0,73 Janeiro/2022 0,54 Fevereiro/2022 1,01
0,71% Nova York	23/3 24/3 25/3 28/03		22/março 4,915 23/março 4,844 24/março 4,832 28/março 4,747				

## COMBUSTÍVEIS

# Na Petrobras, general sai e economista entra

Após ser “fritado” devido ao reajuste dos derivados de petróleo, Joaquim Silva e Luna será trocado por especialista do setor

» INGRID SOARES  
» MICHELLE PORTELA  
» CRISTIANE NOBERTO

Preocupado com os prejuízos que a alta dos combustíveis pode causar no projeto da reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL) decidiu, ontem, tirar o general Joaquim Silva e Luna do comando da empresa. Depois de um lento processo de fritura, o militar cederá o cargo ao economista Adriano Pires, atual diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura, ex-assessor na Agência Nacional de Petróleo (ANP).

No Palácio do Planalto, não se escondia mais o incômodo causado pela gestão de Luna e o impacto que o último aumento dos combustíveis causaria na inflação, ao acelerá-la — mais um fator de irritação do eleitor, já incomodado com o preço cobrado na bomba. O temor com a duração da invasão russa da Ucrânia deixa esse cenário ainda mais nebuloso.

Luna deixa o comando a poucos dias de completar um ano à frente na Petrobras, para onde foi levado para substituir Roberto Castello Branco — também pressionado pelo Palácio do Planalto, em 2021, a intervir no preço do diesel devido à possibilidade de os caminhoneiros, categoria fiel a Bolsonaro, cruzarem os braços. A ideia do presidente era colocar mais um militar em um posto-chave. Ele acreditava que Luna conseguiria trazer a Petras na rédea curta, descolando-a da política de preços do mercado internacional.

O general conseguiu, em parte, cumprir o que pretendia Bolsonaro. Passou a reparar os reajustes, porém, o mais recente — que entrou em vigor em 11 de março — colocou Luna na alça de mira do presidente, do Centro e da ala política do governo. De nada adiantou o vice-presidente Hamilton Mourão afirmar que o colega de força “como bom nordestino aguenta a pressão”. Como não saía, foi “saído” por Bolsonaro.

### Irritação

A pressão do presidente sobre Luna vem há vários dias. Num

dos momentos de maior irritação, acusou a estatal de cometer um “crime” contra a população ao não ter esperado um dia para realizar o reajuste dos combustíveis — que classificou de “impagável”. Bolsonaro disse, ainda, que a “Petrobras não colabora com nada”.

“Por um dia, (a empresa) cometeu esse crime contra a população desse aumento absurdo. Isso não é interferir na Petrobras, na ação governamental. É apenas bom senso. Poderiam esperar”, cobrou.

A ofensiva continuou intensa. Para o presidente, a Petrobras “poderia ser privatizada hoje” para “ficar livre do problema”. Embora dissesse para seus apoiadores em comícios e na saída do Palácio da Alvorada que não tinha ingerência sobre a gestão da estatal, classificou a companhia de “Petrobras Futebol Clube” — numa alusão de que pensa apenas nela, sem preocupação com o social.

### Ajuda de Lira

Bolsonaro não estava sozinho na pressão sobre Luna e a Petrobras. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), juntou-se no esforço de desestabilizar o general ao endossar as críticas contra a escalada do preço dos combustíveis. A saída de Luna, porém, só deverá ser confirmada depois da Assembleia Geral Ordinária da empresa, em 13 de abril.

Ontem, numa reunião de Bolsonaro com o ministro da Defesa, Walter Braga Netto, e os comandantes das três Forças Armadas, no Palácio do Planalto, o destino de Luna parecia selado. Eles retiraram o apoio ao general devido aos aumentos nos combustíveis e à forma com que o presidente da estatal respondeu publicamente ao presidente à época do anúncio da alta nos preços — que considerara imprópria.

Às 16h44, logo após o anúncio da saída de Luna, as ações da Petrobras chegaram à mínima do dia, com 33,81 pontos. Até o fechamento, às 17h15, se recuperou e terminou o dia com 34,08 pontos — ainda assim o desempenho da empresa foi destaque negativo.

Marcos Correa/PR



Pires é considerado um nome do mercado e há dúvidas se mudará algo na política de preços da petroleira, como quer Bolsonaro

Marcos Correa/PR



Luna sai a poucos dias de fazer um ano à frente da empresa e pelas mesmas razões do antecessor



Por um dia, a Petrobras cometeu esse crime contra a população desse aumento absurdo. Isso não é interferir na Petrobras, na ação governamental. É apenas bom senso. Poderiam esperar”

Presidente Jair Bolsonaro, no auge da irritação com o aumento nos combustíveis, atacando a estatal e Joaquim Silva e Luna

## Mudança na estatal é vista com ceticismo

Indicado para assumir a presidência da Petrobras, Adriano Pires é doutor em Economia Industrial pela Universidade Paris XIII (1987), mestre em Planejamento Energético pela COPPE/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1983) e economista formado pela UFRJ (1980).

O atual diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura atua há mais de 30 anos na área de energia. Sua última experiência no governo foi na Agência Nacional de Petróleo (ANP), onde atuou como assessor do diretor-geral, superintendente de Importação e Exportação de petróleo, seus derivados e gás natural e superintendente de Abastecimento.

Para a presidência do conselho de administração da estatal, o governo Bolsonaro indicou Rodolfo Landim, presidente do Flamengo. Ele ocupará o lugar do almirante Eduardo Baccellari Leal Ferreira, que pediu para sair alegando razões pessoais. Landim é ex-funcionário da Petrobras, onde trabalhou por 26 anos antes de se juntar ao antigo grupo empresarial de Eike Batista.

Entre os parlamentares que reagiram à troca de comando da Petrobras, o senador Jean Paul Prates (PT-RN), disse que o presidente demorou para substituir tanto Silva e Luna quanto Milton Ribeiro, ex-ministro da

Educação.

“Tanto na Educação quanto na Petrobras, o governo reage de forma lenta, tardia, reativa e nunca de forma estratégica, com algum plano exposto à sociedade”, disse, ressaltando que o presidente aposta suas cartas na mudança de política de preços dos combustíveis para tentar reverter sua popularidade.

### Equação difícil

André César, cientista político, sócio da Hold Assessoria, observou que a estratégia de Bolsonaro é similar à do começo de 2021, quando trocou Roberto Castello Branco, também demitido pela

insatisfação do presidente com a política de preços da estatal.

“A pressão sobre Luna era grande desde a eclosão na Ucrânia com o preço do Brent. Mas é um movimento muito parecido com o que ele fez no começo de 2021, com Castello Branco. Há um impacto imediato no mercado, uma turbulência”, analisou.

“Nessa política populista, de olho nas eleições, Bolsonaro vai pressionar o novo presidente seja quem for, a adequar os preços para jogar o jogo dele. Aí sim, se ele fizer isso, a empresa perde valor no mercado. Esse é um problema”, alertou. Antes do fechamento pós-mercado, a Petrobras

perdeu mais de 2,63% nas ações mais negociadas e, com isso, era a principal responsável pela baixa do Ibovespa após oito pregões no azul.

Sobre Adriano Pires, o analista ressaltou que o indicado é um dos maiores conhecedores de petróleo no país. “Conhece como ninguém o mercado, tem experiência mas acredito que ele também peça autonomia para trabalhar como tem que ser feito. É uma proposta interessante. Seria ótimo para a empresa, desde que ele tenha autonomia. Vai ser uma equação difícil de fechar”, ponderou.

O diretor geral da Associação Contas Abertas, Gil Castello

Branco, também reconheceu a qualificação de Pires, mas apontou que Bolsonaro procura alguém que o obedeça. “O presidente desejava que a Petrobras baixasse os preços dos combustíveis imediatamente após a queda do valor do barril do petróleo no mercado internacional, o que não ocorreu. Adriano tem um ótimo currículo e competência para presidir a Petrobras. Mas isso pouco importa. Se ele não fizer o que o presidente quer, será o próximo demitido. Estamos no vale tudo eleitoral. Quem não seguir a cartilha de Bolsonaro e do Centro será defenestrado. Simples assim”, concluiu. (IS, MP e CN)